

---

## **Pesquisa revela fragilidades no ensino da estratégia de Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância**

### **Research reveals weaknesses in teaching the Integrated Care for Childhood Illnesses strategy**

---

**Leandro de Assis Santos da Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8949-7409>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: [leandro.costa@uepa.br](mailto:leandro.costa@uepa.br)

**Nara Macedo Botelho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1781-0133>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: [narambotelho@gmail.com](mailto:narambotelho@gmail.com)

---

#### **RESUMO**

A Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância (AIDPI) é uma estratégia criada para atuar no manejo dessas doenças que tem relevância internacional e grande importância na luta contra a morbidade e mortalidade infantil. No entanto, é importante investir na geração de novos recursos educacionais, uma vez que no contexto universitário o ensino da estratégia é exaustivo, teórico-prático e ainda emprega vídeos de mais de vinte anos. O estudo objetivou analisar a percepção de graduandos do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará sobre o ensino da AIDPI. Estudo qualitativo e exploratório. A amostra foi não probabilística por conveniência. Foi feita uma entrevista individual semiestruturada com os 10 graduandos que participaram do estudo, respectivamente. O conteúdo foi analisado com o emprego da técnica de Bardin. Foram identificadas quatro categorias assim denominadas: conteúdo, logística de treinamento, legislação e aspectos pessoais. Os resultados evidenciaram diversas dificuldades de aprendizado. A pesquisa identificou fragilidades no ensino da AIDPI, mas revelou informações importantes para se usar como base para o desenvolvimento de novos recursos educacionais para utilizar no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** AIDPI; mortalidade infantil; ensino superior

---

#### **ABSTRACT**

Integrated Care for Childhood Illnesses (IMCI) is a strategy created to manage these diseases that have international relevance and great importance in the fight against child morbidity and mortality. However, it is important to invest in the generation of new educational resources, since in the university context the teaching of strategy is exhaustive, theoretical-practical and still uses videos that are more than twenty years old. The study aimed to analyze the perception of undergraduate students of the Nursing Course at the State University of Pará about the teaching of IMCI. Qualitative and exploratory study. The sample was non-probabilistic for convenience. An individual semi-structured interview was carried out with the 10 undergraduates who participated in the study, respectively. The content was analyzed using the Bardin technique. Four categories were identified: content, training logistics, legislation and personal aspects. The results highlighted several learning difficulties. The research identified weaknesses in IMCI teaching, but revealed important information to use as a basis for developing new educational resources for use in the university environment.

**Keywords:** IMCI; Infant Mortality; Universities

## INTRODUÇÃO

A AIDPI, desenvolvida para atenuar taxas de morbidade e mortalidade de crianças de dois meses a cinco anos, é uma estratégia que começou a ser implementada no território brasileiro em 1996. Originalmente, foi desenvolvida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Utilizando a AIDPI o profissional de saúde atende uma criança de forma integrada levando em consideração, ao mesmo tempo, as doenças com maior prevalência na infância, como pneumonia, diarreia, malária, e infecção de ouvido, por exemplo (Brasil, 2017).

Além de elevar a qualidade da atenção prestada à criança, a AIDPI se opõe ao modelo tradicionalmente utilizado, que considera cada doença isoladamente. No entanto, a dificuldade no manejo dessas doenças é aumentada mesmo para profissionais formados, devido à carência de recursos que caracteriza as áreas pobres. Além disso, a necessidade de atender a criança considerando várias doenças simultaneamente, aliada ao pouco tempo disponível para esses atendimentos, dificulta ainda mais o processo (Brasil, 2017).

No Brasil a OPAS ensina a AIDPI a profissionais da área da saúde em dois cursos de capacitação: o operacional e o de formação de multiplicadores. O primeiro certifica médicos e enfermeiros para executar a estratégia AIDPI, enquanto o segundo é destinado à formação de profissionais que atuarão como instrutores de cursos operacionais, denominados multiplicadores. Profissionais graduados possuem base teórica e às vezes até vivência em AIDPI, diferentemente do que acontece nos ambientes universitários que ensinam o mesmo tema.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem incluem a atuação em programas de assistência integral à saúde da criança dentre as competências e habilidades específicas que um graduando deve possuir (Brasil, 2001). Em seguida, universidades como a Universidade do Estado do Pará (UEPA) incluíram o ensino da AIDPI na grade curricular de seus cursos de enfermagem. Na UEPA a AIDPI faz parte da disciplina estágio supervisionado em saúde coletiva, ofertada no quinto ano, atualmente com carga horária de sessenta horas (UEPA, 2013).

Na universidade a AIDPI não é ensinada só por docentes capacitados pela OPAS. Seu ensino é teórico-prático, complexo e exaustivo. Embora sua importância seja indiscutível, os recursos pedagógicos utilizados são padronizados e incluem os disponibilizados pelo Ministério da Saúde, do que fazem parte atualmente vídeos e

fotografias antigas, com mais de vinte anos. Tanto as fotos que compõem o álbum de fotografias como os vídeos estão desgastados pelo tempo. Em vista disso, o estudo objetivou analisar a percepção de graduandos de enfermagem sobre a AIDPI.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é qualitativa e exploratória, com realização no segundo semestre de 2020. Não houve acompanhamento. Foi adotada uma amostra não probabilística por acessibilidade ou conveniência, que pode ser utilizada em estudos qualitativos e exploratórios e não está atrelada a fórmulas estatísticas. Nesse tipo de amostra o pesquisador tem liberdade para selecionar um grupo de indivíduos que, conforme seus próprios critérios, pode representar o universo (Gil, 2008).

Foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da UEPA, Campus II, em Belém. Através do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) cada graduando teve acesso a todas as informações relacionadas ao objetivo da pesquisa.

No esforço de preservar a confidencialidade dos dados todo graduando recebeu um codinome. O primeiro foi o G1, o segundo o G2 e daí por diante. Cada entrevista foi gravada e depois digitada. Após isso o texto foi comparado com o áudio e ambos foram armazenados digitalmente para análise posterior.

Foram incluídos no estudo todos os graduandos de uma turma do curso de enfermagem que concluiu com aproveitamento o componente curricular estágio supervisionado em saúde coletiva e que consentiram participar da pesquisa, totalizando dez, de um universo formado por onze graduandos. Um não quis participar da pesquisa. Estariam fora da pesquisa os graduandos que se recusassem a participar ou que faltassem um dia ou mais ao longo do período em que o tema AIDPI estivesse sendo ministrado na disciplina.

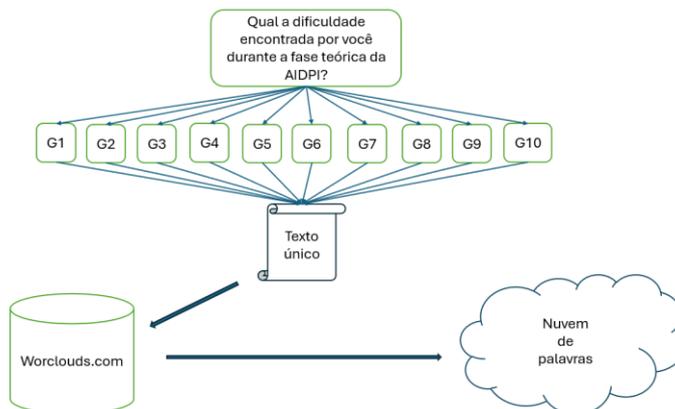
A entrevista foi individual e semiestruturada, composta por questões abertas a fim de identificar a percepção que os graduandos tiveram da AIDPI, quando puderam se expressar sobre o tema livremente, sem que nenhuma resposta tivesse sido induzida por quem conduziu a entrevista (Minayo, 2013). Foi feito o agendamento prévio de cada entrevista, conforme a disponibilidade dos graduandos. Além disso, a fim de proporcionar um ambiente mais seguro para os graduandos, um membro da assessoria pedagógica acompanhou as entrevistas.

Os graduandos responderam a duas perguntas: “qual a dificuldade encontrada por você na fase teórica da AIDPI?” e “qual a dificuldade encontrada por você na fase prática da AIDPI?”. As respostas à primeira pergunta foram agrupadas num único corpo textual, enviado à plataforma wordclouds.com para a geração da nuvem de palavras. Isso também foi feito em relação à segunda pergunta. No processo, foram retiradas do conteúdo das entrevistas palavras sem relevância para o contexto, como artigos e preposições. Portanto, optou-se por restringir o automatismo do processo só à geração das nuvens.

A plataforma wordclouds.com possibilita transformar textos em nuvens de palavras, o que permite visualizar de forma mais didática as palavras que mais predominam nos textos, o que neste estudo foi considerado estratégico para mediar a análise do conteúdo. As nuvens de palavras constituem imagens em que os tamanhos das palavras são diretamente proporcionais à sua frequência num texto, sendo úteis na identificação de temas passíveis de serem estudados (Martins; Salvador; Luz, 2020).

A figuras abaixo ilustram o processo descrito acima, aplicado à primeira pergunta da pesquisa:

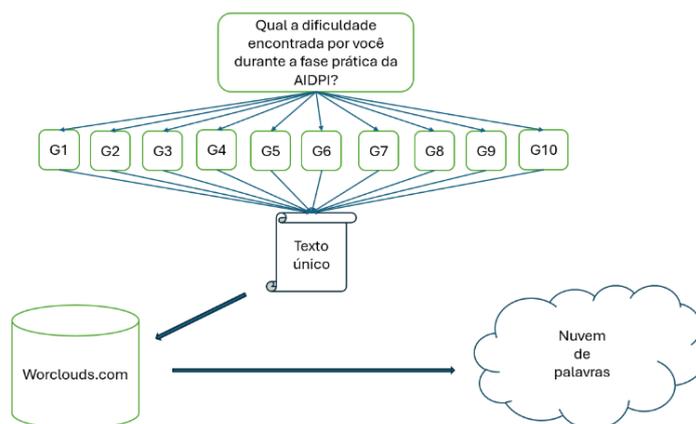
**Figura 1:** Geração da nuvem de palavras referente à fase teórica da AIDPI



Fonte: Dados do autor (2020)

De forma semelhante, a figura abaixo resume o processo aplicado à segunda pergunta da pesquisa:

**Figura 2:** Geração da nuvem de palavras referente à fase prática da AIDPI



Fonte: Dados do autor (2020)

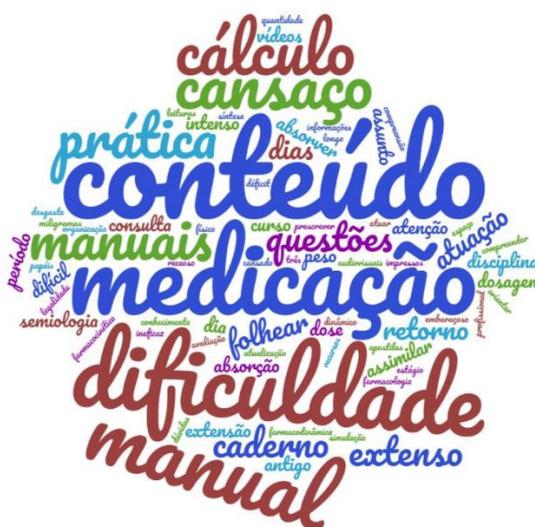
Utilizando as nuvens como um recurso auxiliar, empregou-se a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin, por meio da qual o texto é basicamente desmembrado em categorias de maneira analógica. Dessa forma, através das palavras-chave evidenciadas nas nuvens, foram obtidas frases com ideias relacionadas aos objetivos da pesquisa. Finalmente, as ideias foram organizadas através de domínios temáticos obtidos por meio da categorização dos dados contidos nas frases dos graduandos (Bardin, 2016).

O risco considerado foi o de quebra de sigilo dos resultados, assim como de constrangimento. Como benefício se pode citar a possibilidade de desenvolvimento de novos recursos pedagógicos para uso acadêmico através do conhecimento da percepção dos graduandos sobre a AIDPI. Em maior escala está a possibilidade de melhoria da própria formação profissional.

## RESULTADOS

Foram entrevistados dez, de um universo formado por onze graduandos. A análise das nuvens de palavras levou à identificação de quatro categorias relacionadas às fases teórica e prática da AIDPI, assim denominadas: “conteúdo”, “logística de treinamento”, “legislação” e “aspectos pessoais”. Abaixo, está a nuvem de palavras obtida através das respostas à primeira pergunta subjetiva da pesquisa: “Qual foi a dificuldade encontrada por você durante a parte teórica da AIDPI?”.

**Figura 3:** 3Dificuldades percebidas na fase teórica da AIDPI



Fonte: Dados do autor (2020)

Abaixo está a nuvem de palavras que revela as dificuldades percebidas durante a fase prática da AIDPI.

**Figura 44:** Dificuldades percebidas na fase prática da AIDPI



Fonte: Dados do autor (2020)

A análise da nuvem de palavras acima demonstra que há diferentes percepções sobre o ensino da AIDPI no ambiente universitário estudado, uma relacionada à fase teórica e outra à fase prática. Entretanto, vale ressaltar o destaque da palavra “medicação”

nas duas fases. É possível constatar que o cálculo de medicações foi uma das maiores dificuldades sentidas pelos graduandos:

[...] A gente estuda muito farmacodinâmica, farmacocinética... mas quando na atuação, na prescrição, como prescrever... a gente não vê essa parte. No AIDPI tem essa necessidade de observar essas questões, de miligramas, fazer todos aqueles cálculos... de acordo com a idade, com o peso etc. (G2).

[...] E aí quando chega o AIDPI a gente, além de saber a dosagem, além de saber se tem no posto, se tem disponível e se a pessoa pode pegar, e aí tem que fazer os cálculos de... além de saber, por exemplo, onde a criança se encaixa, qual é a patologia dela, aí tem que saber como conduzir. Aí depois da condução tem que saber classificar. Aí depois da classificação tem que saber qual é o medicamento, e aí tem aquela lista de medicamentos, e ainda tem que fazer o cálculo, e aí isso é bem...(G4).

[...] Bom, dificuldade a gente teve... na verdade não foi uma dificuldade, foi uma dúvida né? Alguns quadros de tratamento dão, por exemplo, a dosagem aproximada. Eles dão a dose aproximada, às vezes pela idade, às vezes pelo peso. E, no caso, às vezes a gente não tem a dose exata para aquela medicação. A gente tem que aproximar, às vezes, pra mais, aquela medicação daquele tratamento. Então, às vezes se o profissional, por exemplo, aproximar pra menos isso pode gerar um tratamento ineficaz praquela situação. Isso foi um dos pontos bastante observados por todos da nossa turma (G5).

[...] E o cálculo de medicação também, ele se torna assim um pouco difícil no início que nós estamos fazendo. E também por conta da questão de que cada peso vai exigir um cálculo da gente. E a gente não tem como chutar, né? A gente sempre vai ter que fazer esse cálculo. Sempre vai ter que ser feito na maioria dos medicamentos que tão lá, né? (G6).

O conteúdo da AIDPI, considerado extenso por vários graduandos, é um termo recorrente em vários trechos de entrevistas:

[...] O conteúdo é bem extenso. Eu acho... pela quantidade de dias, né? Eu acho que são poucos dias pra bastante conteúdo (G1).

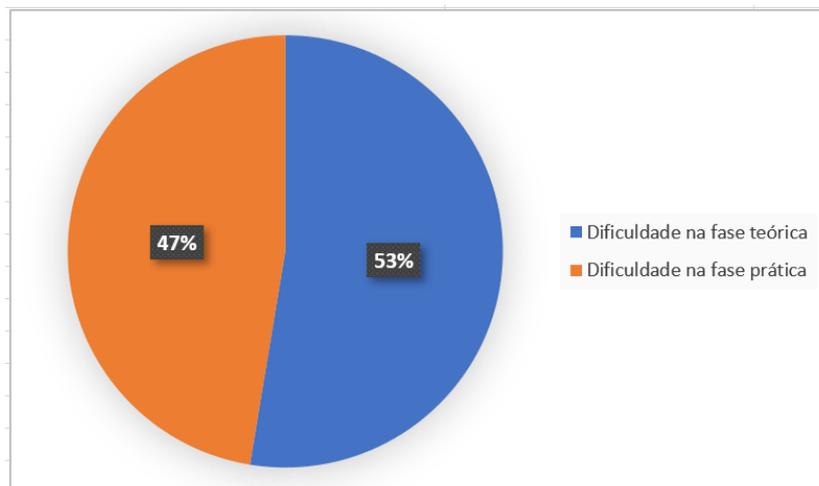
[...] A intensidade, o número de exercícios, a quantidade de conteúdo que a gente tem que assimilar (G5).

[...] O terceiro ponto que eu tive dificuldade nesse curso... é devido à quantidade de exercícios e o tamanho do conteúdo (G5).

[...] A dificuldade que eu encontrei foi no momento em que eu me deparei com o conteúdo... Conteúdo bastante extenso e eu tive dificuldade pra fazer essa absorção satisfatória desse conteúdo... (G6).

Abaixo, em termos percentuais, pode-se verificar a quantificação das dificuldades percebidas nas duas fases.

**Figura 55:** Percepção de dificuldade conforme a fase da AIDPI



Fonte: Dados do autor (2020)

Na categoria “logística de treinamento” a utilização de impressos é o que mais foi referido pelos graduandos como fator relacionado tanto à fase teórica quanto à fase prática da capacitação, como se pode ver nos trechos a seguir:

[...] São, salvo engano, três manuais, né? Tem o manual de quadros, o manual do AIDPI propriamente dito, tem o caderno de questões, né? Então a gente fica ali: pega um... vai na tal página, pega o outro manual... Fica nessa... inclusive até o espaço físico aqui não é muito legal pra isso. Por exemplo a gente, nesse espaço aqui, dá pra colocar apenas um manual, então a gente tem que colocar... acaba usando três cadeiras, né? Coloca o outro... os outros manuais nas outras cadeiras (G1).

[...] No momento em que você está ali você tem que ser o mais rápido possível pra fazer a intervenção e o fato de você estar folheando, e tal... procurar um quadro... se tivesse algo que fosse mais rápido seria melhor, no momento de você prestar assistência ao paciente (G2).

[...] E assim como na parte teórica é bastante... e até desagradável a gente tá num consultório atendendo alguma criança e tá ali folheando um manual e buscando as informações. Como eu já tinha dito, às vezes tá no começo de um manual e às vezes tá, a informação, no final de um manual. Então essa parte de tá lidando com um monte de papel na frente dessa pessoa... isso até deixa o paciente descredenciado da nossa, do nosso atendimento. Então, a falta, por exemplo, de organização a termo do material, eu creio que também é um ponto negativo (G5).

[...] E essa dificuldade de avaliar os fatores que podem causar risco ao estado geral da criança. Que é essa questão de tá folheando o caderno pra ver... se a gente tem que classificar uma febre: se é a primeira consulta, se é uma consulta de retorno, o que é que a gente tem que ver, o que é que tem que avaliar na febre, entendeu? (G9).

A categoria “legislação” revelou que o exercício legal da profissão também preocupa os graduandos, não só o entendimento do conteúdo em si. Os trechos abaixo se relacionaram à fase teórica e à fase prática da AIDPI.

[...] É algo que, em algumas situações a gente precisa prescrever e temos aqui legalidade para fazer essa prescrição (G1).

[...] Primeiro, em relação... observando o material a gente pode ver a falta de autonomia do enfermeiro em relação à estratégia. E uma situação seria a questão da legalidade, que por ser algo que ainda não é institucionalizado no município, na Atenção Básica aí acaba tipo que limitando: será que eu devo prescrever isso aqui? Ou não devo prescrever? Até onde devo prescrever? Então acho que essa, esse embaraço de legalidade, o que é legal, o que é ilegal, traz uma certa insegurança na hora da conduta, na hora da questão ‘fazer’ (G2).

[...] Uma das dificuldades é a falta de autonomia do enfermeiro em estar prescrevendo certas medicações (G3).

A categoria “aspectos pessoais” apresenta trechos relacionados à gestão do tempo em que a AIDPI é ensinada:

[...] Eu acho que são poucos dias pra bastante conteúdo (G1).

[...] Eu acho que foi muito assunto em pouco tempo. Foi uma dificuldade de assimilar em pouco tempo. Muita coisa. Porque segue toda aquela sequência, e essa sequência só é entendida mesmo a partir da prática (G4).

[...] É... mas algumas dificuldades que a gente acaba encontrando durante essa parte teórica, de início é a intensidade do curso. E gente percebe que ele é um curso bastante intenso e longo. E ele é dado geralmente em um período muito curto... alguns dias. Então o primeiro ponto seria essa falta de tempo, a intensidade desse curso (G5).

[...] Outra coisa que a gente teve dificuldade, que eu tive dificuldade, foi absorver todo o conteúdo proposto, já que é um conteúdo extenso, num período de tempo, digamos, assim: curto (G8).

Finalmente, outros trechos abaixo ressaltam o caráter intenso e cansativo como a AIDPI é ensinada na disciplina estágio supervisionado em saúde coletiva:

[...] Eu acho que, basicamente, ele se torna bem cansativo. No terceiro dia a gente já está bem cansado (G1).

[...] Não que o conteúdo não seja importante, só que pra pouco tempo é muita coisa e é muito cansativo às vezes (G4).

[...] Então pra mim, como estudante, além da gente ter a prática de estágio e outras atividades, ele se torna um curso bastante cansativo, já que o número de dias é pequeno (G5).

[...] E a intensidade do curso, que causa um desgaste tanto na gente quanto em quem tá dando o AIDPI na forma que ele tá sendo dado né? E assim faz com que a questão da nossa absorção dessas informações seja... como é que eu posso dizer? Prejudicada! Não é que a gente aprenda menos, mas fica mais cansativo (G9).

## DISCUSSÃO

Na UEPA o ensino da AIDPI segue uma metodologia padrão, com leitura do manual, resolução de exercícios e dramatização, por exemplo. O conteúdo é extenso. Ao longo da disciplina, para resolver os exercícios do caderno do participante, o graduando analisa diversos vídeos, um álbum de fotografias, faz a leitura de um manual de mais de duzentas páginas e de outro manual resumido, o manual de quadros. Diante disso, pode-se correlacionar essas informações com as palavras em destaque na nuvem, cujos tamanhos são proporcionais à sua presença nas entrevistas.

O conteúdo extenso deve ser levado em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Um estudo feito por Carneiro *et al.* (2021) revelou que muita informação deixa os alunos inquietos. Os autores acrescentam também que, neste caso, as dificuldades teriam relação com a falta de estrutura e de organização de muitos estudantes. Além disso, ressalta-se a importância de o docente da disciplina ser certificado pela OPAS como multiplicador, o que lhe renderá mais eficiência na administração do conteúdo.

O estudo de Fontes *et al.* (2019) sinaliza importância de se motivar a leitura em programas de incentivo ao desenvolvimento de aptidões, uma vez que é fundamental na construção coletiva do aprendizado. No ambiente universitário uma iniciativa dessa natureza poderia ajudar o graduando a lidar com a análise de conteúdos mais extensos. Neste caso, a parte mais complexa do conteúdo se refere ao cálculo de medicação, porque, embora as doses já estejam calculadas no manual, o graduando precisa compreender como se chega a tais resultados. Na universidade se deve conhecer a ciência por trás da técnica.

A complexidade envolvendo o cálculo de medicação é confirmada por outros estudos. Ferreira e Silva (2021) descrevem um estudo feito com auxiliares, técnicos de enfermagem e enfermeiros em que 59,8% dos participantes mencionaram ter algum grau de dificuldade com cálculo de medicação. Isso demonstra, assim como os trechos de entrevistas, que graduandos de enfermagem devem se qualificar de forma suficiente para lidar com esse tema. Os autores ainda acrescentam que erros de medicação ainda são uma problemática de abrangência mundial.

Cunha, Messias e Almeida (2019) pontuam que profissionais de enfermagem têm sempre as vidas de pessoas nas mãos e, portanto, devem fazer o seu trabalho com competência e responsabilidade. Além disso, a qualificação de graduandos no que se refere ao tema é estratégica para o SUS, uma vez que, como ressalta Simião *et al.* (2017), o enfermeiro atua não só na avaliação e classificação, mas também no tratamento da criança. Portanto, saber utilizar as medicações da AIDPI é imprescindível.

Sinalizada em trechos de entrevistas, a utilização do material impresso também representa dificuldade. Tessari, Fernandes e Campos (2021) apontam a evolução constante das mídias, assim como a sua disseminação global e o seu consumo pela humanidade, o que inclui graduandos. Os autores acrescentam que atualmente estudantes já iniciam sua vida escolar familiarizados com essa modernidade, o que inclui comunicação virtual, conexão com diversas possibilidades de interação, cultura, informação e criação de conhecimento, sendo a conquista da sua atenção um desafio da atualidade.

A utilização de material impresso é importante, mas os resultados desta pesquisa demonstram que, apesar de todo o esforço e investimento envolvido na sua produção e disponibilização, só os manuais impressos não têm sido uma ferramenta suficiente para auxiliar no aprendizado de um tema que se revelou tão complexo e permeado por fragilidades no contexto universitário. De modo geral o dia a dia dos estudantes é envolto por tecnologia e isso repercute diretamente na forma como eles lidam com as informações no ambiente de ensino (Sanchez Junior; Concato; Mikuska, 2020).

Santos, Oliveira e Oliveira (2021) argumentam que o perfil do professor se assemelha ao de um mediador, de um provocador da aprendizagem que deve fazer o possível para levar conhecimentos aos seus alunos utilizando meios diversificados. As necessidades identificadas nas entrevistas ratificam a argumentação desses autores. Nesse sentido, é estratégico refletir sobre recursos educacionais que estejam mais próximos da

cultura vivenciada pelos graduandos, altamente marcada pelo desenvolvimento de tecnologias digitais, tais como aplicativos móveis, inteligência artificial e as várias polêmicas inerentes, como as relacionadas à legislação.

No contexto da AIDPI a preocupação dos graduandos com os aspectos legais se demonstrou válida. Nascimento *et al.* (2018) argumentam que os protocolos da Atenção Básica estabelecidos pelo MS vêm afirmando a autonomia prescritiva do enfermeiro, assim como as entidades de classe da enfermagem. Os autores acrescentam que, ao prescreverem, os enfermeiros ampliam a disponibilidade de profissionais prescritores nos serviços de saúde.

Lima *et al.* (2021) fizeram um estudo para conhecer a opinião de médicos e enfermeiros de unidades básicas de saúde sobre a prescrição de medicamentos por enfermeiros da Atenção Básica. Em relação ao sentimento sobre a autonomia do enfermeiro como prescritor de medicamentos, 13% dos participantes do estudo foram neutros, 34,8% acharam bom e 52,2%, excelente.

Contudo, Lima *et al.* (2021) argumentam que é importante esclarecer que essa função ainda necessita de capacitação e respaldo, embora o estudo tenha revelado uma avaliação positiva, haja vista que ainda não há nas grades curriculares dos cursos de enfermagem disciplina que trate especificamente de prescrição, o que gera insegurança por parte de profissionais.

Embora a prescrição de enfermagem seja totalmente diferente da prescrição médica na medida em que está restrita aos protocolos do MS, ainda há a possibilidade de erro humano e por isso implica, indubitavelmente, preparo adequado à tarefa. Nesse sentido, no contexto da AIDPI, deve-se também considerar a relação do tempo ao longo do que o conteúdo é trabalhado com o seu aprendizado, como se pode verificar nos trechos de entrevistas. Tendo sido o tempo disponível para o ensino do tema considerado curto, pode-se adicionar complementações através de oficinas, por exemplo.

Tortella e Forner (2019) também abordam a influência do tempo no aprendizado, apontando que a quantidade de horas de estudo não é o fator mais importante em relação ao aprendizado, mas sim a forma como o tempo é utilizado para este fim. Nesse sentido, as entrevistas levantam a necessidade de se refletir sobre a maneira como o tempo é administrado durante o ensino da AIDPI, haja vista que a melhor gestão do tempo é positiva para o processo de aprendizagem, sendo que a fadiga dos graduandos é proporcional ao tempo em que um conteúdo é ministrado.

Finalmente, pode-se observar referências à fadiga em trechos de entrevistas, cuja relação direta com o aprendizado é confirmada pelo estudo realizado por Vaz *et al.* (2019), que apontou características sociais, demográficas e pessoais de estudantes como fatores que influenciaram diretamente os seus níveis de fadiga. Os autores consideraram esses achados como evidências de grande relevância, devido à sua capacidade de causar prejuízos diversos aos estudantes.

## CONCLUSÃO

A pesquisa revelou fragilidades no aprendizado da AIDPI no ambiente universitário. Também foi evidenciada a familiaridade dos graduandos com a tecnologia digital, principalmente com os aplicativos móveis. Em vista disso, a pesquisa ressalta a importância de refletir sobre o desenvolvimento de recursos educacionais que façam parte da cultura dos graduandos, marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Dentre tais recursos se pode citar os aplicativos digitais móveis, que podem ser enviados para a análise do MS e da OPAS para avaliação da possibilidade de sua inclusão na AIDPI.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de Novembro de 2001. Seção 1, p. 37. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Enf.pdf> Acesso em: 06 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual AIDPI Criança: 2 meses a 5 anos [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde, Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/publicacoes/manual\\_AIDPI\\_crianca\\_2meses\\_5anos.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/publicacoes/manual_AIDPI_crianca_2meses_5anos.pdf) ISBN 978-85-334-2501-9. Acesso em: 06 jul. 2024.

CARNEIRO, Priscilla Rodrigues Caminha *et al.* O ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em tempos de pandemia do coronavírus (COVID-19) / Teaching and the challenges of use of remote technologies in coronavirus pandemy time (COVID-19). *Brazilian Journal Of Development*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 8667-8682, 13 jan. 2021. *Brazilian Journal of Development*. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n1.587>. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23600>. Acesso em: 03 jul. 2024.

CUNHA, A. DOS S.; MESSIAS, C. M.; ALMEIDA, A. C. L. Matemática aplicada a enfermagem: cálculo de dosagem e diluição de medicamentos em um portal educacional. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 87, n. 25, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/150> Acesso em: 30 jun. 2024

FERREIRA, S. C.; DA SILVA, A. da C. A. Ferramentas tecnológicas e o cálculo de medicação: contribuições para o aprendizado e o exercício profissional. *Espaço para Saúde*, [S. l.], v. 22, 2021. DOI: 10.22421/1517-7130/es.2021v22.e738. Disponível em: <http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/738>. Acesso em: 29 jun. 2024.

FONTES F. L. de L *et al.* Desafios e dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro docente para o exercício da docência no ensino superior. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 24, p. e300, 15 jun. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/300> Acesso em: 29 jun. 2024.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Wagner Carvalho de *et al.* Prescrição de medicamentos por enfermeiros: opinião de médicos e enfermeiros das unidades básicas de saúde / prescription of medicines by nurses. *Brazilian Journal Of Health Review*, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 806 817, 2021. *Brazilian Journal of Health Review*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv4n1-070>. Acesso em: 03 jul. 2024.

MARTINS, Neusa Helena da Silva Pires, Salvador, Daniel Fábio e Luz, Mauricio Roberto Motta Pinto da. O mal-estar docente nas discussões sobre ensino nutrição: falas de professoras da educação básica em fóruns virtuais. *Trabalho, Educação e Saúde* [online]. 2020, v. 18, n. 3 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00286>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

MINAYO M. *O desafio do conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 13 edª. São Paulo: HUCITEC 2013.

NASCIMENTO, Wezila Gonçalves do *et al.* Medication and test prescription by nurses: contributions to advanced practice and transformation of care\* \* Paper extracted from master's thesis "Prescrição de medicamentos por enfermeiros na Atenção Básica no Brasil: questões e perspectiva sobre a sua legitimidade", presented to Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brazil. . *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 2018, v. 26 Disponível em: . Epub 25 Out 2018. ISSN 1518 8345. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2423-3062>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SANCHEZ JUNIOR, Sidney Lopes; CONCATO, Patrícia Ferreira; MIKUSKA, Márcia Inês Schabarum. O Ensino Mediado por Tecnologias na Percepção de Futuras Pedagogas. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 289-296, 17 dez. 2020. Editora e Distribuidora Educacional. <http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2020v21n3p289-296>. Disponível em:

<https://seer.pgskroton.com/index.php/ensino/article/view/8301>. Acesso em: 04 jul. 2024.

SANTOS, Aline da Costa Silva; OLIVEIRA, Thássya Maria Dias de; OLIVEIRA, Mariza da Gama Leite de. Os Recursos Educacionais Abertos (REA) Como Apoio à Formação Continuada Docente. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 276-281, 23 jun. 2021. Editora e Distribuidora Educacional. <http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2021v22n2p276-281>. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/view/7823>. Acesso em: 04 jul. 2024.

SIMIÃO, Carla Karoline da Silva *et al.* Manejo integrado da doença na infância: prática do enfermeiro. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, [SI], v. 11, n. 12, pág. 5382-5390, dec. 2017. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/230448>  
Data de acesso: 22 set. 2024.

TESSARI, Rosilene Maria; FERNANDES, Cleonice Terezinha; CAMPOS, Maria das Graças. Prática Pedagógica e Mídias Digitais: um diálogo necessário na educação contemporânea. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 02-10, 25 mar. 2021. Editora e Distribuidora Educacional. <http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2021v22n1p02-10>. Disponível em: <https://seer.pgskroton.com/index.php/ensino/article/view/8128>. Acesso em: 04 jul. 2024.

TORTELLA, J. C.; FORNER, V. Tempo de estudo, rendimento e estratégias de aprendizagem de alunos do 5º ano do ensino fundamental de escolas públicas municipais. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 26, n. 3, p. 815-832, 4 set. 2019. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8773> Acesso em: 01 jul. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem. Belém: 2013.

VAZ, André Luiz de Lucena *et al.* Fatores Associados aos Níveis de Fadiga e Sonolência Excessiva Diurna em Estudantes do Internato de um Curso de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online]. 2020, v. 44, n. 01 Disponível em: . Epub 27 Feb 2020. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.120190150>. Acesso em: 04 jul. 2024.